

---

## Trotsky e a Revolução Permanente

---

Karl Korsch

Bebendo uma garrafa de vinho ou no caminho de casa, voltando-se de um balé, haveria de dizer um burocrata satisfeito consigo mesmo a um outro: ele não pensa em outra coisa senão na Revolução Permanente!

Leon Trotsky

Nos momentos de sua especial autoconsciência, a vida política procura destruir seus pressupostos, a sociedade civil e seus elementos. (...). Consegue, porém, apenas fazê-lo através de uma violenta contradição, deflagrada contra suas próprias condições de vida, apenas na medida em que declara a Revolução como sendo Permanente.

Karl Marx

As novas teses do camarada Trotsky sobre a “Revolução Permanente”, que publicamos no último número de *Frente de Luta*, constituem um importante documento da luta fracional, travada entre a orientação centrista do Comitê Central Stalinista do Partido Comunista e a orientação de esquerda comunista da Oposição Trotskista.

Essas teses possuem, além disso, um significado mais geral para todos os proletários que querem aprender alguma coisa, a partir de suas próprias experiências, ocorridas no último período histórico da luta de classes, concluído agora, proporcionando a si mesmo uma clareza fundamental acerca de seu próprio posicionamento teórico e prático para as lutas futuras.

Portanto, iremos, de modo inteiramente consciente e propositado, ir além dos limites que o próprio Trotsky deseja colocar toda a discussão. Não queremos combater o “ecletismo dos centristas” do ponto de vista de uma estreita ortodoxia marxista e leninista, tal como se afirma ao final das teses trotskistas.

O que é interessante nas teses trotskistas e em todo o seu novo desenvolvimento da questão da “Revolução Permanente” é que pela primeira vez realiza-se a tentativa de resumir a experiência histórica da Revolução Russa de 1917 em seu conjunto e das lutas de classes internacionais concomitantes em “conexão com os

eventos precedentes e subsequentes de todo um período histórico da luta proletária de libertação, sob o ponto de vista revolucionário geral”.

À medida que, para o intento de Trotsky, apresentamos as experiências históricas dos últimos 30 anos do movimento socialista russo, europeu e mundial, bem como as muitas provas para a correção e para a necessidade de sua teoria da Revolução Permanente, podemos assumir criticamente uma posição, examinando, com base na experiência histórica real, não apenas essa particular teoria trotskista, senão ainda nossos próprios conceitos e teorias marxistas sobre o transcurso da Revolução Proletária.

O próprio Trotsky vincula ao seu conceito de Revolução Permanente três significados diferentes. O primeiro desses três significados relaciona-se com a forma e o modo, segundo os quais realiza-se, no desenvolvimento da história e na prática da luta política, econômica, social e ideológica das classes e das frações de classes participantes, a transição da Revolução Burguesa para a Revolução Proletária. Assim, posicionou-se a questão para a Revolução na Rússia, em 1905 e ainda até 1917, e assim foi ela ontem e ainda é hoje colocada, na China, na Índia e em outros países ainda não plenamente desenvolvidos de modo capitalista.

O segundo significado do conceito da Revolução “Permanente” relaciona-se com a própria Revolução Socialista e com o seu desenvolvimento não encerrado, senão apenas iniciado, mediante a “conquista do poder político” e a edificação da “Ditadura Revolucionária do Proletariado”. “Durante um período de desenvolvimento de duração incalculavelmente longa, no transcurso de uma luta interna incessante, realiza-se uma total reorganização de todas as relações sociais. A sociedade encontra-se em processo ininterrupto de metamorfose. Cada uma das fases de reorganização é a imediata consequência da fase precedente. Toda essa ação contém, necessariamente, um caráter político, pois seu desenvolvimento efetua-se com a colisão de diferentes grupos da sociedade que se encontra envolvida pelo processo de reorganização. As irrupções de guerras civis e guerras externas alternam-se com os períodos de reformas “pacíficas”. Revoluções no domínio da economia em geral, da técnica, do conhecimento científico, da família, da vida quotidiana e dos costumes desenvolvem-se sob influência onilateral

e recíproca, sem que a sociedade possa encontrar seu equilíbrio. Esse é o caráter permanente da Revolução Socialista, considerado segundo sua própria essência”.

O terceiro significado da “Revolução Permanente” emerge do caráter internacional de toda autêntica Revolução Socialista. Nesse campo, demonstra-se, da maneira mais nítida, a oposição existente entre o internacionalismo radical de Trotsky e o ponto de vista, limitado em sentido nacional, sobre o qual se apoiou, desde o outono de 1924, seu rival vitorioso na luta pela herança do leninismo, o Secretário do Partido, Stalin, através da proclamação da teoria da construção do socialismo em um país.

Apesar de que, para Trotsky, o regime estatal e econômico que existe na Rússia representa um regime de “Ditadura Proletária” ainda hoje, 10 anos depois da transição para a NEP (Nova Política Econômica) e a despeito da expulsão efetuada, já praticamente total nos dias de hoje – também conforme o próprio parecer de Trotsky -, de todos os revolucionários de Outubro do aparato de governo político, econômico e social, permanece, porém, para ele, sendo inevitavelmente uma situação provisória uma tal Ditadura Proletária, isolada nos limites nacionais.

Quando mais tempo se afirma um tal regime isolado da “Ditadura Proletária” e quanto mais aparentemente ele se reproduz, tanto mais “elevam-se, necessariamente, também as contradições que devem desenvolver-se tanto em seu interior como também em sua relação com o meio capitalista”. “Seu destino depende, inteiramente, da vitória do proletariado nos demais países, desenvolvidos de modo capitalista.” Quer dizer, também a revolução vitoriosa em um país permanece sendo sempre apenas um elo na corrente internacional, uma peça dependente da “Revolução Permanente”, duradoura em escala internacional, através da vitória e da derrota.

Perante toda a grandiosidade da concepção do transcurso histórico da luta de emancipação proletário-revolucionária em seu conjunto, contida nesse triplo significado da Revolução Permanente de Trotsky, ante toda a indubitável superioridade dessa teoria revolucionária internacionalista radical acerca das sabedorias penosamente amontoadas dos defensores oficiais do giro relativamente mais recente do curso do Partido Comunista e do Estado Russo, padece, em nosso entendimento, a teoria de Trotsky em

seu conjunto de uma persistente deficiência fundamental que é perceptível em todos os seus aspectos e que, por isso, pode ser revelada de modo tríplice.

Apesar ter sido deduzida a partir de uma concepção defendida por Marx em uma fase determinada de seu desenvolvimento, toda essa teoria de Trotsky da “Revolução Permanente” é, porém, a expressão de uma visão geral que corresponde a uma ainda subdesenvolvida “situação do movimento proletário de classe ainda não inteiramente desenvolvido”. Sua teoria padece, conseqüentemente, de uma resoluta superestimação do aspecto político no movimento proletário revolucionário. Exagera também, em fim de contas, o significado que recai sobre o Partido político organizado relativamente ao transcurso objetivo e ao resultado do processo de transformação política.

Detenhamo-nos, de início, no primeiro significado – também historicamente original – do conceito da Revolução “Permanente”, isto é, em alemão, “*fortdauernden*” (duradoura), da Revolução Socialista do Partido Proletário, que persiste além da conquista dos objetivos revolucionários burgueses.

Certamente, nas lutas fracionais de uma década e meia, travadas entre Trotsky, os mencheviques e os bolcheviques leninistas sobre o desenvolvimento da vindoura Revolução Russa, o Outubro Vermelho de 1917 deu razão à tese defendida por Trotsky, desde 1905.

Contudo, esforçaram-se, posteriormente, Radek e outros teóricos compassíveis do bolchevismo vitorioso por apresentar os poucos meses, havidos entre a Revolução Democrático-Burguesa de Fevereiro e a Revolução Socialista de Outubro de 1917, como um cumprimento da predição leninista de uma etapa autônoma de uma “Ditadura Democrático-Revolucionária do Proletariado e do Campesinato”, ocorrida após a derrubada do czarismo na Rússia e antes da fase suplementar da “Ditadura do Proletariado”, que teve lugar, a seguir, como segundo ato<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Essa tese foi, como se sabe, propugnada, renovadamente, por Lenin, depois de seu regresso à Rússia, em abril de 1917. Trotsky afirma, de modo incorreto, que “o bolchevismo, sob a direção do companheiro Lenin, teria realizado sua remodelação de ideias relativas a essa questão”, já “no início de 1917”.

Com a crescente distância temporal, esse curto período de tempo, havido antes do Outubro Vermelho, perde, cada vez mais, em significado autônomo aparente e converte-se, mais e mais, em um prelúdio e um início da inteira ação revolucionária que veio a culminar no Outubro, a qual evoluiu a partir da Revolução Democrático-Burguesa, sem quaisquer degraus autônomos intermediários, “diretamente” na Revolução Socialista, tal como – uma Revolução Permanente.

É igualmente correta a indicação de Trotsky de que, nesse desenvolvimento da Revolução Russa, efetuou-se, em linhas gerais, precisamente o desenvolvimento que Marx e Engels predisseram, nas vésperas da Revolução de 1848, e ao qual, durante um certo tempo, ativeram-se, também após a derrota do movimento revolucionário democrático-burguês radical e das tendências proletárias que deste se desencadearam.

Os comunistas direcionam sua principal atenção para a Alemanha, porque este país situa-se nas vésperas de uma Revolução Burguesa e porque executa essa transformação nas condições mais avançadas da civilização europeia, considerada em geral, e com um proletariado muito mais desenvolvido do que o da Inglaterra, no século 17, e o da França, no século 18. Portanto, a Revolução Burguesa Alemã só pode ser o “prólogo imediato de uma Revolução Proletária”.

Enquanto os pequeno-burgueses democráticos querem conduzir a revolução ao seu encerramento, do modo mais rápido possível e, no máximo, sob a execução das pretensões acima indicadas, nosso interesse e nossa tarefa é fazer a Revolução de modo permanente, até que todas as classes mais ou menos possidentes estejam excluídas da dominação, sendo conquistado o poder do Estado pelo proletariado e impulsionada a associação dos proletários, não apenas em um país, senão em todos os países dominantes do mundo inteiro, até o ponto em que haja cessado a competição dos proletários nesses países e concentrando-se, no mínimo, as forças produtivas decisivas, nas mãos dos proletários”.

Sem embargo, permanece sendo, porém, estranho o quão pouco Trotsky se preocupa com o fato de que uma tal transição “direta da Revolução Democrático-Burguesa à Revolução Socialista” tenha ocorrido, faticamente, em verdade, entre 1917 e 1920, na Rússia, de modo transitório, sob as condições de um

desenvolvimento capitalista, amadurecido, em escala europeia, acerbamente até à Revolução Socialista, mas que, porém, na Alemanha de 1848 a 1850, para a qual Marx propugnou, particularmente, sua teoria da Revolução Permanente, não tenha ela, na realidade, ocorrido absolutamente,

Trotsky consola-se de modo excessivamente fácil com esse fato histórico, extremamente penoso para sua teoria, através da observação de que esse “erro” marxista não teria representado nenhum erro de método da teoria, senão “apenas” um erro relativo aos fatos históricos. “A Revolução de 1848 não se converteu em uma Revolução Socialista. Porém, isso se deveu [apenas] porque não terminou em uma Revolução Democrática”.

Trotsky não se preocupa em saber porque Marx modificou, posteriormente, de modo considerável, sua concepção teórica acerca dos pressupostos e do transcurso da Revolução Proletária, precisamente em virtude dessas experiências com os acontecimentos históricos.

Quer os “acontecimentos históricos” de 1848, quer daqueles, ocorridos entre 1920 e 1930 na Rússia da NEP (Nova Política Econômica), do stalinismo e da degeneração burocrática, Trotsky não saca o ensinamento evidente de que, naquela primeira teoria marxista, expressou-se, também [provavelmente] de modo teórico, ainda algo do subdesenvolvimento da ação do proletariado de então: um resíduo daquela teoria revolucionária dos jacobinos burgueses, babeuvistas e blanquistas que, subjetivamente, não foram “democratas-burgueses”, senão muito mais, no sentido trotskista, revolucionários “permanentistas”.

O próprio Karl Marx declarou, de modo muito agudo, em seu exame crítico da teoria e da prática da Revolução Burguesa, a partir do qual introduzimos uma frase ao presente artigo, tomada enquanto divisa, o que hoje, novamente, através do desenvolvimento final da Revolução Russa está sendo repetidamente confirmado, que se trata de um sinal do caráter ainda burguês de um regime revolucionário, se esse regime pode apenas sustentar a sua ruptura aberta e plena com o princípio capitalista, na medida em que “declara como sendo permanente” a Revolução.